

[Recensão a] Morais, C. & Cuicui, Ch. (Eds.) (2023). *Imagens do Oriente na literatura portuguesa*. Aveiro: Instituto Confúcio-UA Editora.

**Paulo Alexandre Pereira**

CLLC, Universidade de Aveiro  
ppereira@ua.pt

Coligindo grande parte das comunicações apresentadas no Ciclo de Conferências *Imagens da China na literatura portuguesa* que decorreu, ao longo de 2023, no Departamento de Línguas e Culturas da Universidade de Aveiro, o presente volume adota, contudo, o título mais ecuménico de *Imagens do Oriente na literatura portuguesa*. Compreende-se, pela leitura do ensaio que o inaugura, a justeza da escolha. Com efeito, ocupando-se da epistolografia oriental dos jesuítas no século XVI, o ensaio de Sérgio Guimarães de Sousa que abre o livro é, no concerto sinófono dos restantes textos, um *unicum* duplamente dissonante: é-o pela antiguidade dos testemunhos quinhentistas que o autor compulsa, divergindo do enfoque contemporâneo dos restantes ensaios, que versam sobre autores dos séculos XX e XXI; é-o, ainda, pelo estudo que nele desenvolve do proselitismo evangelizador dos jesuítas em terras nipónicas, sendo o único texto que investiga as relações luso-japonesas. Aparentemente excêntrica, esta incursão de Sérgio Sousa por Terras do Sol Nascente não deixa, bem vistas as coisas, de estabelecer um diálogo que vem a revelar-se fecundo com os restantes ensaios incluídos no volume, tornando inequívoca a múltipla geografia e a persistência trans-histórica da tradição orientalista na literatura portuguesa e demonstrando que, no passado como no presente, ela se tem alimentado quer de viagens reais, quer (talvez sobretudo) de “viagens do olhar” – para retomar aqui o sugestivo título do conjunto de ensaios que Helder Macedo e Fernando Gil dedicaram à literatura do Renascimento português<sup>1</sup>. Os nove estudos aqui reunidos inscrevem-se, portanto, nesse instigante território que é o do orientalismo literário português, que tem, nos últimos anos, conhecido impulso renovado e dado provas de invulgar vitalidade, com particular destaque para os estudos que se têm ocupado do *corpus* multiforme da literatura de Macau em língua portuguesa. Nela se detêm, neste volume, os ensaios de Cristina Nobre ou Micaela Ramon.

---

<sup>1</sup> Refiro-me ao volume *Viagens do Olhar: retrospecto, visão e profecia no Renascimento português*. Porto: Campo das Letras, 1998.

Revisitando a obra de autores tão diversos como Fernando Pessoa, Rodrigo Leal de Carvalho, Ernesto Leal, Maria Ondina Braga, Fernanda Dias, João Aguiar, Carlos Marreiros, Duarte Drummond Braga ou Carlos Morais José, os estudos que compõem o volume confirmam a suspeita de que o Oriente funciona para vários deles bastante mais como *cosa mentale* do que como cartografia empírica. Ecrã imaginante onde se projetam todas as fantasias e todos os fantasmas – estéticos, éticos, eróticos, metafísicos, civilizacionais –, esse “Oriente ao Oriente do Oriente”, como em verso célebre o descreveu o Álvaro de Campos de “Opiário”, funciona, nestes casos, sobretudo como heterotopia exótica ou paisagem subjetiva, geradora de deslumbramento ou incompreensão, concitando tanto desejo de emulação admirativa, como reprovação acrimoniosa. A esse Oriente congeminado a distância se refere ainda o mesmo Álvaro de Campos em versos evocados por Cristina Zhou, no estimulante ensaio em que examina as imagens da China no universo pessoano e que aqui relembro: “Ao Oriente donde vem tudo, o dia e a fé, /Ao Oriente pomposo e fanático e quente, / Ao Oriente excessivo que eu nunca verei, / Ao Oriente budista, bramânico, sintoísta, / Ao Oriente que tudo o que não temos, / Que tudo o que nós não somos” (p. 37). Superficial, estilizada e decorativa, a China desiderativa de Pessoa, remota Terra do Nunca, opõe-se à China observada de perto ou experienciada em primeira mão por outros autores culturalmente trânsfugas: viajantes, nómadas, turistas, expatriados. Graças a uma experiência de transculturação vivida em primeira pessoa, estes contemplam-na *in loco*, através de uma lente bifocal que lhes permite transcender o maniqueísmo redutor de filias e fobias. Não é, pois, surpreendente que, em vários destes autores, Macau compareça como sinédoque sumária da China, entrelugar propício à interrogação de si e do outro. Em muitos deles, a mera notação abismada da diferença cultural dá lugar à consciência de que o espaço de incomunicação que se abre entre o eu (ocidental) e o outro (oriental) se deve a uma intransitividade antropológica que torna todos os seres humanos – tanto a Ocidente, como a Oriente – irremediavelmente estrangeiros entre si, porque estrangeiros, em primeiro lugar, a si mesmos.

Na impossibilidade de me deter, mesmo em relance rápido, em cada um dos textos do volume, limitar-me-ei a assinalar algumas daquelas que me parecem ser as semelhanças de família que permitem aproximá-los. Destaco, em primeiro lugar, a ampla diversidade tipológica dos textos estudados – epistolografia, narrativa breve e romance, drama, poesia lírica, autobiografia e memorialismo –, numa clara demonstração da expressão multímoda do fenómeno orientalista, ao qual

nem sempre convém a categoria cómoda da literatura de viagens na qual sistematicamente tende a ser acantonado.

Sublinho, depois, a fertilização cruzada, de que vários destes ensaios dão exemplar testemunho, entre os estudos de orientalismo e recentes paradigmas críticos ou renovadas práticas de leitura literária. Para além do comparatismo literário e, dentro deste, dos estudos de imagologia, horizonte teórico à luz do qual são habitualmente examinadas as relações literárias luso-chinesas, outros ensaios convocam instrumentos críticos procedentes dos estudos de género e das leituras feministas (Cristina Nobre, Maria João Simões), da etnografia literária e dos estudos pós-coloniais (Paulo Pereira) ou dos estudos interartes (Sara Augusto). Este ecletismo teórico-disciplinar parece-me, aliás, uma muito salutar via para a sua renovação.

Saliento, ainda, a consciência compartilhada por vários ensaístas de que, nos autores estudados, a imaginação do Oriente é quase sempre textualmente intermediada, representação de uma representação, produto do que, em rigor, poderia talvez descrever-se como um orientalismo em segundo grau. É o que se verifica, por exemplo, na obra de Maria Ondina Braga, que, nos seus textos, assiduamente convoca referentes literários chineses, chegando a admitir que “jamais se teria assim apaixonado pela China, não fossem os seu poetas” (p. 89).

Seria injusto, por fim, não fazer menção ao esmero gráfico do volume, para o qual em muito contribuem as ilustrações de Natalyia Hanzha, para ele originalmente concebidas.

Acrescentado agora ao acervo de estudos sobre o orientalismo literário português, este volume passará a constituir estação de paragem obrigatória para quem no tema tenha (ou venha a ter) interesse. Trata-se este, aliás, de um campo cuja prospeção sistemática bem vale a pena prosseguir, cumprindo, assim, a superior missão do Instituto Confúcio de promover “a compreensão mútua e a amizade entre dois países tão distantes, mas unidos por seculares relações históricas” (p. 5), desígnio a que os editores justamente aludem na nota de abertura. Que este livro, em muito, contribuirá para ajudar a concretizá-lo não tenho dúvidas.